

# ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM DOIS LIVROS DIDÁTICOS DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Lucas Possatti  
Universidade Federal da Paraíba  
*lpossatti.o@gmail.com*  
Raíssa Teixeira Gouveia  
Universidade Federal da Paraíba  
*raissa.teixeira03@gmail.com*

## Introdução

Sabemos que o livro didático é um elemento imprescindível para os professores e alunos em sala de aula e o tema da variação linguística, muitas vezes, não está presente nesses livros. A variação e a mudança linguística são propriedades inerentes à linguagem (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) e, portanto, torna-se necessário que o tema seja efetivamente abordado pelo livro didático de inglês como língua estrangeira (LE). A conscientização dos aprendizes a respeito do tema facilita o aprendizado e a utilização da língua em contextos reais de uso. No entanto, mesmo que a necessidade de abordar a variação nos contextos de ensino-aprendizado de inglês como LE seja reconhecida, ainda prevalece o pensamento de que apenas a forma padrão seja apropriada para a apresentação e uso da língua. Portanto, o objetivo deste trabalho é refletir acerca da abordagem da variação linguística em livros didáticos de inglês como LE. A presença do tema nas aulas de língua inglesa se faz necessária para que não haja espaço para preconceitos linguísticos, bem como, conforme mencionado anteriormente, para que processo de aprendizagem dos discentes seja facilitado, uma vez que eles poderão ter contato com a língua em situações reais de uso. Assim, o livro didático, como principal ferramenta, deve incluir a variação como parte de seu conteúdo.

A pesquisa é bibliográfica e tem como base os estudos de Bahia; Cruz, 2017; Gruending, 2017, e os aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (LABOV, 2008 [1972]). Como objetivo, temos o de analisar dois livros didáticos de língua inglesa, de níveis A1 e B1, sendo um utilizado no ensino básico e o outro em curso de idiomas. Ao analisar tais livros, buscamos identificar a presença da variação linguística e de que forma o tema é abordado. Os livros selecionados foram o *Time Zones 4* (2021), da editora National Geographic e o *American*

*Headway Second Edition* (2009), da editora Oxford. Dessa forma, temos um livro de origem estadunidense e um britânico.

Para a análise, fizemos um mapeamento de registros dos seguintes aspectos em imagens, textos e atividades presentes nos livros (com base na metodologia utilizada por Gruending, 2017): a) variação linguística (morfológica, lexical, sintática, semântica, geográfica ou situacional); b) conteúdo cultural estadunidense ou britânico (representação da cultura estadunidense ou britânica); c) diversidade cultural (representação de outras culturas ou países); d) conteúdo neutro (sem referência a uma cultura ou país específicos). Buscamos também pela presença da variação linguística nas faixas de áudio de ambos os livros.

O intuito do presente trabalho é o de aproximar os estudos variacionistas ao ensino da Língua Inglesa, levando em consideração as leis e diretrizes educacionais sobre o assunto, para que o tema seja efetivamente abordado no ensino da língua estrangeira.

## **1. Fundamentação teórica**

### **1.1. Considerações breves sobre a Teoria da Variação**

William Labov se constitui como o principal teórico da Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista. Na década de 1960, Labov desenvolveu relevantes estudos os quais demonstram que a língua e sociedade possuem uma relação direta, isto é, a primeira não pode ser analisada dissociada do contexto sociocultural, bem como situacional dos falantes. Conforme assevera Bortoni-Ricardo (2014, p. 53), “a Sociolinguística laboviana é também conhecida como correlacional, por admitir que o contexto social e a fala sejam duas entidades distintas que podem ser correlacionadas”.

Segundo os ensinamentos de Cezario e Votre (2015, p. 142), “a abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia”. Diante disso, a variação linguística não é caótica e assistemática, uma vez que aquela não é livre, mas condicionada por fatores internos e externos que influenciam diretamente a escolha de uma determinada variante pelo falante.

Por fim, a variação linguística pode ser entendida como sendo “[...] formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonológico e no domínio pragmático-discursivo” (MOLLICA, 2017, p. 9). Assim,

depreendemos que a variação pode ocorrer em qualquer instância da fala (fonético-fonológico, lexical, morfológico, sintático, semântico ou discursivo).

## **1.2. Inglês como língua global**

Conforme assevera Crystal (2003), o fato de uma língua se tornar global pouco tem a ver com a quantidade de falantes, mas, sim, com *quem são* esses falantes. Há uma relação intrínseca e até um pouco óbvia, de acordo com o autor, no que diz respeito à dominância de uma determinada língua e o poder econômico, tecnológico e cultural.

Com um expressivo número de falantes de inglês pelo mundo, seja como língua materna ou LE, há o constante surgimento de novas variedades. O processo de globalização também evidencia as diferentes formas de falar inglês, uma vez que, atualmente, os diferentes meios de comunicação e os recursos digitais nos permitem interagir com outros indivíduos ou consumir conteúdos das mais diversas culturas ao redor do mundo, sendo, muitas destas, na língua inglesa.

Torna-se cristalino que não se tem uma única maneira de se falar a língua inglesa e que “o acesso à informação, a conteúdos e ao conhecimento reforçou a necessidade de integração de grupos e interação entre populações” (GRUENDLING, 2017, p.458). Para que o aprendiz desenvolva verdadeiramente uma competência linguística, é necessário que aquele tenha efetivamente acesso a diferentes formas pelas quais a língua se apresenta ao redor do mundo. Da mesma forma, refletir acerca da variação linguística também auxilia no combate ao preconceito linguístico, o qual, infelizmente, faz-se muito presente não apenas no ambiente pedagógico, mas na sociedade como um todo.

## **1.3. Variação nos livros didáticos**

Com a grande propagação e o processo de globalização da língua inglesa, conforme explica Crystal (2003), o número de falantes de inglês como L2 supera o número de falantes nativos da língua. Precisamos, então, questionarmos se essa globalização também chegou aos livros didáticos de inglês como LE, uma vez que, majoritariamente, há uma relevância, quase que exclusiva, direcionada às variedades do inglês dos EUA e Reino Unido:

A hipótese levantada é que, mesmo com a “globalização, onde o global está localizado e o local está globalizado” (ROBERTSON apud KUMARAVADIVELU, 2006, p. 134), os livros didáticos de inglês para adultos apresentam somente o inglês padrão e abordam predominantemente aspectos culturais dos Estados Unidos (EUA) e do Reino Unido (RU), de acordo com a linha de inglês seguida pelo material (inglês americano ou inglês britânico, respectivamente). (GRUENDLING, 2017, p.459)

Sabemos que o livro didático se configura como ferramenta chave para professores e alunos em sala de aula, no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. De acordo com Kramersch (1988, p.5, apud Bahia; Cruz, 2017, p.35), os livros didáticos possuem quatro características fundamentais, a saber:

(1) seguem um determinado modelo de teoria de linguagem, ou seja, são orientados por princípios básicos de conhecimento; (2) apresentam um método, no sentido em que dividem e classificam o conhecimento; (3) têm caráter autoritário: o que o livro aborda é sempre verdadeiro; (4) são literais: não há interpretações alternativas – eles devem ser seguidos de forma literal.

O livro didático jamais será capaz de abordar tudo acerca de qualquer que seja o tema, e sabemos que há, ainda, certa escassez da variação linguística como temática abordada. Portanto, é importante que o professor seja capaz de complementar as aulas com informações e exemplos adicionais. É essencial que o professor traga reflexões acerca dessas temáticas e reforcem a necessidade de se ter contato com formas para além da norma-padrão. Bahia; Cruz (2017) explicam que os livros didáticos, assim como o professor, são as principais fontes de *input* para os alunos e podem, portanto, beneficiar o processo de aprendizagem e, conseqüentemente, o uso da língua pelos alunos, se apresentarem adequadamente a variação linguística.

Contextualizar as diferentes representações sociais e culturais com os aspectos linguísticos remove o foco exclusivo da gramática normativa e cria espaço para a discussão e combate ao preconceito linguístico. Iremos, portanto, verificar em que medida os livros didáticos escolhidos para essa análise abordam o tema de variação linguística e de que forma isso é realizado.

## **2. Resultados de análise**

Os dois livros didáticos analisados foram, como já mencionado, o *Time Zones 4* (2021), da editora National Geographic, de nível B1 e o *American Headway* (2009), da editora Oxford, de

nível A1. O *Time Zones 4* (2021) é utilizado no ensino básico e o *American Headway* (2009) é utilizado em cursos de idiomas.

Iniciemos por analisar o *Time Zones 4* (2021), da National Geographic. O livro possui 12 unidades que contém conversações, textos, atividades de escuta (*listening*), vídeos (dois por unidade) e mais. Não foi possível obtermos acesso aos vídeos, mas, obtivemos acesso às faixas de áudio, que foram subsequentemente analisadas.

Contabilizamos e analisamos todas as páginas que contivessem conteúdos em forma de textos e/ou imagens, além de, separadamente, analisarmos as faixas de áudio. As diferentes formas de conteúdo foram contabilizadas e analisadas em busca de categorizar as ocorrências como contendo: a) variação linguística; b) conteúdo cultural estadunidense ou britânico; c) diversidade cultural; d) ou conteúdo neutro. Para as faixas de áudio, realizamos uma análise binária levando em consideração se essas: a) contém variação linguística; b) ou não contém variação linguística.

Para o *Time Zones 4* (2021), obtivemos os resultados a seguir:

**Tabela 1 - Análise do livro Time Zones 4 (2021)**

	<b>Variação linguística</b>	<b>Conteúdo cultural estadunidense ou britânico</b>	<b>Diversidade cultural</b>	<b>Conteúdo neutro</b>
Nº Páginas (total 86)	00/86	07/86	18/86	61/86
Nº Imagens (total 80)	00/80	08/80	19/80	53/80
Nº Textos (total 42)	00/42	02/42	11/42	29/42
Nº Faixas de áudio (total 78)	78/78	–	–	–

**Fonte:** tabela elaborada pelos autores

Observando os dados da tabela 1, notamos a ausência de variação linguística em imagens e textos. O tema também não é abordado pelas atividades propostas no livro, inclusive nas de

pronúncia. No entanto, um número surpreendentemente alto de variação linguística se mostrou presente nas faixas de áudio. O livro dispõe de 78 faixas de áudio e, categoricamente, 100% dessas contém variação linguística do tipo diatópica (geográfica). As atividades de pronúncia focam no aspecto da entonação, não tratando diretamente da variação linguística, mas essas atividades utilizam-se do recurso de áudio, que, como mencionamos, possui variação linguística diatópica. Os textos e diversas atividades também dispõem de áudios associados. Dessa forma, seja nos áudios que narram os textos, ou os áudios de quaisquer atividades, há sempre a presença de variação.

Menos de 10% das imagens e textos analisados possui conteúdo cultural estadunidense ou britânico e aproximadamente 25% possui diversidade cultural. Isso nos resta um número aproximado a 65% de conteúdo de natureza neutra. Esse fato não surpreende e tampouco é necessariamente um fato negativo. A proporção de conteúdos que contém diferentes representações culturais ainda é grande (aproximadamente 35%), seja através de textos, imagens, atividades, faixas de áudio ou vídeos.

Apesar de não termos obtido acesso aos vídeos, o título destes e atividades relacionadas já se fazem presentes no livro. Sendo assim, podemos fazer algumas afirmações no que trata dos conteúdos abordados nos mesmos. Cada uma das 12 unidades possui 2 vídeos, somando um total de 24. Destes 24 vídeos, ao menos 4 possuem alguma representação de diversidade cultural e ao menos 2 possuem alguma forma de conteúdo cultural estadunidense ou britânico. Para exemplificar, uma das temáticas abordadas trata de soluções para o problema de combustível na Uganda. Ainda assim, não podemos fazer afirmações definitivas acerca de todos os vídeos, uma vez que não temos acesso aos mesmos e, tampouco, podemos averiguar se neles há a presença de variação linguística.

Passemos a analisar o *American Headway* (2009), da Oxford. Esse livro também possui 12 unidades. Para esse livro, consideramos necessário criar uma nova categoria: atividades com imagens. O motivo se deve ao fato de que o livro possui um repertório de atividades com múltiplas imagens. Essas, portanto, foram contabilizadas separadamente das demais imagens. Temos, a seguir, os dados coletados a partir da análise do *American Headway* (2009):

**Tabela 2 - Análise do livro American Headway (2009)**

	<b>Variação linguística</b>	<b>Conteúdo cultural estadunidense ou britânico</b>	<b>Diversidade cultural</b>	<b>Conteúdo neutro</b>
Nº Páginas (total 92)	00/92	14/92	40/92	42/92
Nº Imagens (total 98)	00/98	14/98	56/98	28/98
Nº Textos (total 48)	00/48	13/48	27/48	08/48
Nº Atividades com imagens (total 44)	00/44	01/44	16/44	27/44
Nº Faixas de áudio (total 91)	8/91	–	–	–

**Fonte:** tabela elaborada pelos autores

O livro apresenta diversas imagens, textos e atividades com imagens. Esses foram analisados e se evidenciou, novamente, a ausência da variação linguística. Como demonstrado pela tabela, no entanto, conteúdos que apresentam diversidade cultural superaram, inclusive, os conteúdos neutros. Houve também uma quantidade significativa de conteúdos culturais estadunidense ou britânico. O livro traz atenção para aspectos como tonicidade da sílaba, entonação nas frases, e possui até uma lista de palavras, ao final do livro, com a transcrição fonética do inglês estadunidense. Não há, no entanto, a utilização dos símbolos fonéticos para chamar atenção a fenômenos de variação no inglês.

O *American Headway* (2009) também dispõe de diversas faixas de áudio, das quais foram analisadas 91 ao total, e identificamos 8 faixas de áudio contendo variação diatópica. Temos então a presença de variação linguística, ainda que a maioria das faixas de áudio abordem o inglês com base em uma pronúncia padrão estadunidense. As 91 faixas de áudio não representam o total apresentado pelo livro, pois uma parcela pequena dos áudios se fazem indisponíveis no site oficial e, destes, estimamos que ao menos 6 conteriam variação linguística diatópica, com base nas culturas e temas retratados por eles. Contudo, não podemos fazer afirmações acerca desses.

Os livros analisados, portanto, apresentam a variação linguística em suas faixas de áudio, ainda que essa se limite apenas ao tipo diatópico. O *Time Zones 4* (2021) contém um número impressionante dessas ocorrências, incluindo a variação diatópica de forma categórica em suas faixas de áudio. O *American Headway* (2009), por sua vez, contém apenas algumas instâncias (cerca de 10%) de variação diatópica em suas faixas de áudio, mas torna muito presente as diferentes representações culturais através das temáticas abordadas ao longo do livro. Nenhum dos dois livros aborda a variação de outra forma senão a diatópica ou, tampouco, através de atividades, textos e imagens. A presença da variação, assim como de tais elementos culturais, é importante para melhor formar os alunos dotados de letramento linguístico. O letramento linguístico possibilitaria aos alunos um melhor desempenho em situações reais de uso da língua e seriam também facilitadores do combate ao preconceito linguístico.

### **Considerações finais**

Nesta pesquisa, investigamos a presença da variação linguística e de elementos culturais nos livros *Time Zones 4* (2021) e *American Headway* (2009). Constatamos a presença da variação linguística nos áudios dos mencionados livros, mas essa não foi abordada diretamente pelo material e se limitou a variações do tipo diatópica. Houve uma presença significativa de elementos culturais diversos, assim como estadunidenses e britânicos. Tais resultados se assemelham aos obtidos por Gruending (2017), e reforçam que há uma certa escassez da abordagem da variação linguística pelos livros didáticos de LE.

A importância que o livro didático tem para o ensino-aprendizado é inquestionável. Esse é, na maioria das vezes, o instrumento principal que professores e alunos utilizam em sala de aula. Vivemos em um mundo multicultural e multifacetado, o que torna importante, portanto, a presença da temática da variação linguística em suas diferentes formas. Ensinar ou aprender uma língua estrangeira não deve ser feito de forma desassociada dos fatores sociais e culturais que a permeiam, e aprender sobre estes ajuda a combater o preconceito linguístico.

É interessante que os livros didáticos de LE apresentem diferentes formas de variação linguística através de múltiplos recursos, para além das faixas de áudio, e não as limitem às do tipo diatópica. Com isso dito, consideramos os resultados obtidos como positivos, ainda que falte uma melhor e mais completa abordagem do tema em questão. Em casos esse, é importante que o

professor aborde o assunto para além do livro didático, e para que isso seja possível, é necessário que haja boa preparação desses profissionais, através de ações interdisciplinares nos cursos de licenciatura de LE, que permitam os professores relacionarem o tema de variação linguística com a prática de ensino de LE.

Já esperávamos certa escassez de abordagem da variação linguística no material analisado, uma vez que as pesquisas que serviram de base para este trabalho já apontavam para esse fato. No entanto, a grande presença do fenômeno nas faixas de áudio, em especial as do livro *Time Zones 4* (2021) chamou atenção. Isso talvez se deva ao fato de que o livro é de nível B1, enquanto o *American Headway* (2009) é de nível A1. Ainda assim, pelo fato de o *American Headway* (2009) possuir seções para a apresentação dos fonemas, assim como abordar de maneira ainda mais presente a diversidade cultural, esperávamos que esse possuísse um índice semelhante ou até maior de variação linguística. É provável que em livros de nível acima desses analisados (A1 e B1), possamos encontrar uma maior presença da variação linguística.

Esperamos que este trabalho venha a trazer contribuições para futuras pesquisas, discussões e reflexões acerca do tema.

## Referências

BAHIA, Marcelo Oliveira; CRUZ, Demerbete Dias Freitas. *A variação linguística em livros didáticos de inglês utilizados em cursos de licenciatura*. Revista Entrelinhas – Vol. 11, n. 1, jan./jun. 2017.

BOHLKE, David; WILKIN, Jennifer. *Time Zones 4*. 3. ed. Massachusetts: National Geographic Learning, 2021.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião Josué. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

CRYSTAL, David. *English as a global language*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2003.

GRUENDLING, Fernanda. *Variação linguística e diversidade cultural em amostras de livros de inglês como língua adicional para adultos*. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 457-474, ago./dez. 2017.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2017.

NATIONAL GEOGRAPHIC LEARNING. *Level 4 Student's Book Audio*. Disponível em: <<https://eltngl.com/sites/timezones3e/student-resources/level-4/level-4-students-book-audio>>. Acesso em: 04 de nov. de 2022.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. *American Headway Second Edition Level 1*. Disponível em: <<https://elt.oup.com/student/americanheadway2e/1?cc=global&selLanguage=en>>. Acesso em: 04 de nov. de 2022.

SOARS, Liz; SOARS, John. *American Headway 1*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin.. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.